

CIBERFAGIA: A DEVORAÇÃO DO HOMEM EM FUNÇÃO DO PÓS-HOMEM

Anderson Luis da Silva

anderson.lsilva@escolanoar.com

Universidade Anhembi Morumbi (São Paulo, Brasil) - Programa de Pós-Graduação em Design

Priscila A. C. Arantes

priscila.a.c.arantes@gmail.com

Universidade Anhembi Morumbi (São Paulo, Brasil) - Programa de Pós-Graduação em Design

A fagia é um termo utilizado para descrever o ato da deglutição, originada na palavra grega *phagein* cujo significado é “comer”. Quando combinada com a expressão também grega *anthropos* que descreve o “homem”, origina o vocábulo antropofagia.

A antropofagia descreve o comportamento do consumo humano de indivíduos da mesma espécie. Vale a ressalva de que a antropofagia difere do canibalismo por ser uma prática ritual social, enquanto que o canibalismo está associado à aniquilação do outro, ou ainda à fetichização e psicopatia. Deste modo, podemos descrever a antropofagia como um “canibalismo ritual” (Carvalho, 2008, p. 1).

O neologismo utilizado neste texto, ‘ciberfagia’, descreve o comportamento da devoração pela cibernética dos homens, em um primeiro momento de sua capacidade autônoma impressa no potencial teórico e técnico, em seguida da própria carne.

Flusser (1963) descreve o homem como um ser guloso, ou seja, não basta para ele a alimentação, é necessário o excesso. A gula impele o homem a extrapolar os limites da fome. Não há saciedade, o homem tornou-se um ser de devoração que por fim o conduz a se auto-deglutir.

A cibernética estreia-se na obra de Wiener (1954) e ganha terreno em meio a sociedade a partir de então. No final do século XX, assume o *status* de imperativo social. Os programas de inclusão digital, amparados por inúmeros e distintos governos, são um dos efeitos de tal determinação.

A ciberfagia, mais do que o consumo da cibernética pelo homem, deve ser entendida como o consumo do homem pela cibernética, em especial no que tange o seu domínio técnico e autonomia.

A mediação dos atos técnicos pelas máquinas cibernéticas gradualmente transfere a elas, às máquinas, o potencial técnico do homem. Por sua vez, ao homem concerne a simplória operacionalização de tais dispositivos tecnológicos.

Deste modo, não é estranho falar e de certo modo incitar, o pós-humanismo. Neste ponto, vale uma ressalva no que tange tal conceito, pois se inquirimos sobre o pós-humanismo entendemos que há um fim premente do humanismo, enquanto corrente filosófica, e também do humano como organismo vivo descendente de primatas ancestrais.

Para os entusiastas de tal conceito, a preservação da vida implica na transmutação desta para outros ‘corpos’, cibernéticos, em questão. Tal processo em curso, gradualmente, desde a revolução industrial, implica sobretudo na destituição da autonomia técnica em favor da mediação tecnológica, em um processo perene de substituição orgânica pela mecânica, eletrônica e cibernética.

O processo de evolução do homem implicado pela cultura tende a negação da natureza. A construção de estradas na antiguidade já se colocava como uma “revolta” as distorções do terreno.

A ciberfagia da técnica é notável em vários aspectos da atividade humana, dos mais elementares aos mais específicos, desde a escrita, mediada por processadores de texto, à leitura interseccionada por ecrãs. Ou ainda do olhar circunscrito pelo obturador das câmeras ao ouvir delimitado pelos headphones, do relacionamento interpessoal amparado nas conexões telemáticas ao processo produtivo mediado por instrumental tecnológico, da memória armazenada na nuvem computacional ao conhecimento disponível nos sistemas de busca.

As decorrências de tal fenômeno são objeto de estudo e discussão por parte de vários autores contemporâneos, dentre eles Nicholas Carr (2011) que pondera a afirmação que intitula o seu livro, “a geração superficial, o que a internet está fazendo com nossos cérebros”. Segundo o autor, “é difícil resistir às seduções da tecnologia, e na nossa era de informação instantânea, os benefícios da velocidade e da eficiência parecem ser genuínos, e seu desejo, indiscutível” (2011, p. 304).

O processo lacônico pelo qual se deu a inserção de elementos do artifício no entremeio social tende a ser interpretado como sinônimo de progresso. Pouco se inquire pela condição inóspita fomentada pelos engenhos mecânicos, tecnológicos e computacionais ao que refere-se a conjuntura cultural e a sapiência humana. As ferramentas enquanto instrumentos, extensões e potencializações do corpo orgânico, são antagonistas às máquinas como ferramentas, destituições do corpo orgânico.

O ideal enraizado nos processos constituintes da industrialização impregnou ao longo do século XX as diferentes esferas de convívio e pertença social, tais quais, o ofício, a educação, a cultura, as manifestações religiosas, os processos de aprendizagem e as relações humanas.

Segmenta-se a vida em estágios prescritíveis, impele-se a compartimentação das inquietudes humanas deixando-as sob a alçada dos dispostos maquínicos e sistematizadores, operando-lhe o condicionamento necessário ao manejo funcional de suas atribuições mecanizadas.

O biológico é combalido, suas debilidades sanadas pela imputação da artificialidade, compêndio dos efusivos esforços de seus vetores pós-modernistas gestados na utopia moderna. O ideal belo passa a ser antagônico ao funcional.

Irrompe do sono o corpo através do estridular repetitivo da máquina, em consonância aos apitos que outrora anunciavam o início e o término do expediente de trabalho nos arranjos fabris. A pós-modernidade permite ao indivíduo a posse do aparato de gestão e controle de sua existência que em outros tempos jaziam sob a tutela de mandatários oficiais.

Auto-imputa-se o cerceamento, perambulando pela libertinagem conferida pelos anteparos informativos das máquinas informática. Apercebe-se que é nulo o pensar. Reproduz-se em série os dados que cintilam no écran como o facho de uma fogueira tecnologizada.

O tempo mecanizado operacionalizado pelos inúmeros relógios que abundavam nos horizontes da modernidade torna-se nulodimensional na cibercultura e se torna o elemento circunscritor da vontade. Tudo se tangencia pelos ditames do sistema. Para ele e por ele, percorre-se sistematicamente as etapas da linha de produção cibercultural.

Até agora nos referimos à possibilidade de emergência de saberes que interrompiam uma lógica de identificação social. Isto é, um não-saber, porque se situava na esfera daquilo que não poderia ser pensado. Pensar, portanto, é pensar, no nível da sociedade, é justamente a impossibilidade de pensar além das regras (Decca, 2004, p. 13).

Na ânsia por maior eficiência operacional o homem pós-industrial empregou inúmeros esforços. O aperfeiçoamento do maquinário e dos meios de produção moldaram as paisagens e determinaram um novo estilo de vida, onde o homem se posta como coadjuvante e as máquinas, incluindo as cibernéticas, protagonizam.

Por um viés antropológico, podemos observar que a espécie humana, assim como outras que habitam o planeta terra, requer como requisito a manutenção da vida segundo três conjuntos complexos de elementos vitais, os quais podemos descrever por alimento, abrigo e amor.

Alimento descreve tudo aquilo que se presta ao consumo e conseqüente geração de energia ao corpo orgânico; Abrigo compreende elementos naturais ou artificiais que visam proteção a este corpo, cavernas, casas, roupas, sapatos dentre outros; Amor define a relação com os outros, sejam estes da mesma espécie ou de outras. O homem é um ser gregário, um ente de um bando. Pertencer a um grupo viabiliza e facilita a obtenção dos demais requerimentos a vida.

A obtenção de tais requisitos à vida se dá ao longo da evolução humana de quatro formas. Como aponta Kotler (1996), pela troca, súplica, coerção ou autoprodução. O primeiro modo de obtenção daquilo que necessitamos à vida é a mais propagada na sociedade capitalista e de consumo, meio por onde se abdica do algo que se possui em função de receber de outro aquilo que lhe é de interesse. Deste modo, trocamos bens por outros bens, nossa capacidade produtiva, sapiência e tempo, por algum elemento de valor que possa ser cambiado por outros, e demais relações que a prática comporta. Na troca, sempre está na mão alheia o que se objetiva, e deste modo estamos sempre à mercê do outro para a obtenção daquilo que necessitamos. A súplica é o modo pelo qual imploramos ao alheio aquilo que queremos e/ou precisamos. Também ficamos à mercê do outro nesta relação, pois requer-se a concordância mútua para que a sessão se realize. A coerção por sua vez é o meio pelo qual obrigamos o outro a nos entregar aquilo que buscamos ou queremos. Nesta forma inverte-se a relação de dependência, pois pela força colocamos o outro à nossa mercê. Enfim, está na autoprodução a capacidade autônoma de geração das condições necessárias à obtenção daquilo que precisamos. No entanto, tal método requer pleno domínio teórico e técnico para que por meio de sua articulação seja efetivada a construção, manufatura ou cultivo daquilo que se requer.

Segundo Flusser,

o conhecimento é concebido e experimentado, doravante, como um processo paralelo ao metabolismo. O mundo fenomenal é devorado pela mente (estágio do aprender). Em seguida é engolido (estágio do aprender englobante). O próximo passo é a digestão (estágio do compreender), e os detritos são expelidos (estágio da ação transformadora) (2008, p.122).

Podemos dividir o conjunto complexo do conhecimento humano em quatro pilares inter-relacionados, ou seja, teoria, técnica, tecnologia e projeto. Assim sendo, está dentro do compêndio teórico todo o conhecimento adquirido e

articulado por experiências. A teoria é a motivação da ação. Por sua vez, a técnica traduz-se na capacidade de registro e operacionalização da ação. Deste modo, a capacidade teórico e técnica, “conhecimento sobre” e “habilidade de”, consecutivamente, habilita o homem para a autoprodução.

Ortega e Gasset (1982) afirmam que a técnica seria o processo através do qual o homem provê o aperfeiçoamento da natureza. Deste modo, criar o fogo é um modo de oposição ao frio, distinto dos demais animais, o homem se inconforma com o natural e deste modo o modifica e o adapta às suas próprias necessidades.

O conjunto delimitado pela tecnologia, “ferramenta para”, é determinado pela técnica e não o oposto. Deste modo a tecnologia é um dos meios pelo qual o exercício técnico se manifesta. Podemos observar que o ato da escrita requer como teoria o reconhecimento de símbolos, sua concatenação para a criação de palavras, e novamente a combinação para a concepção de frases. A técnica se manifesta no ato de escrever propriamente dito, ou seja, o registro tangível do que decorre do conhecimento intangível.

A ferramenta para o exercício técnico da escrita pode ser um lápis, um pincel embebido com tinta, uma lata de *spray*, uma vareta sobre a areia de uma praia, ou mesmo um computador. A ferramenta é a variável no processo, enquanto a teoria e técnica são, ou deveriam ser, as constantes.

E por fim, o projeto configura-se no processo pelo qual a teoria, técnica e tecnologia se relacionam na atividade produtiva, sendo este também, tal qual a tecnologia, uma variável.

A capacidade de autoproduzir tudo aquilo que se deseja ampara-se sobre a teoria e a técnica, requisitos que a partir da revolução industrial começam a sofrer sérias defasagens, pois a máquina passa a figurar como protagonista nos processos de produção, e o homem a sua operacionalização. Sennett aponta que “assim começava a clássica história da substituição do artífice pela máquina. As máquinas [...] parecem um germe econômico que adoeceu o moderno artesão” (2013, p. 104).

A quimera moderna iniciada na revolução industrial, onde o maquinário faria o trabalho pelo homem, tornou-se com velocidade em seu adverso.

Para os indivíduos restavam a operacionalização tecnologizada dos aparatos máqunicos, baseados na persistente reprodução gestual e na perene renúncia intelectual. Deste modo, o homem misturou-se às próprias máquinas, tornando-se apêndice funcional, a mitigada sapiência que as máquinas ainda precisavam.

Tal limitação máqunica, a sua carência por inteligência, não tardaria sem solução. Empenhados e compenetrados no desenvolvimento das máquinas

côncias, os cientistas não mediram esforços tendo em vista a realização de tal propósito. Um determinado evento neste sentido foi possibilitado pela teoria cibernética (Wiener, 1968) e pelas redes telemáticas (Baran, 1964).

Wiener pondera que:

[...] se o ser humano for condenado a realizar a mesma função restrita repetidamente, não chegará sequer a ser uma boa formiga, quanto mais um bom ser humano. Aqueles que querem organizar-nos de acordo com funções individuais permanentes e restrições individuais [...] condenam a raça humana a funcionar... a meio vapor (1968, p. 52).

O computador, máquina cibernética, logo ganharia as corporações e sequencialmente os lares. As relações humanas interseccionadas por estes tipos de aparatos cibernéticos logo seriam drasticamente modificadas com sérios prejuízos para a autonomia do homem em relação a sua capacidade autoprodutiva.

Os teares de Jacques de Vaucanson (1709-1782) gradativamente destituíram os tecelões da capacidade teórica e técnica de tecer. Em substituição, adquiriram a capacidade operacional das máquinas enquanto estas, com velocidade e eficiência superior, efetuavam a manufatura dos tecidos.

De acordo com Postman,

o tecnopólio tem [...] na obra de Frederick Taylor a primeira declaração clara da ideia de que a sociedade é mais bem servida quando seres humanos são colocados à disposição de suas técnicas e de sua tecnologia, de que seres humanos valem, em certo sentido, menos que a sua maquinaria. Ele e seus seguidores descreveram exatamente o que isso significa, e aclamaram sua descoberta como o começo de um admirável mundo novo (1994, p. 61).

Tais decorrências podem ser observadas na contemporaneidade em inúmeras áreas da atividade humana. Às máquinas compete a efetivação do produto, aos homens a atividade de zelar por seu funcionamento.

É inegável que a velocidade, eficiência e qualidade nos meios produtivos são qualidades maquinicas admiráveis, distantes em efetivação das do corpo orgânico. São prerrogativas dos corpos cibernéticos. Flusser enfatiza que “a ira científica tem-nos libertado da luxúria... renunciando às cadeias dos desejos” (Flusser, 2008, p. 121).

Flusser completa o seu raciocínio observando que “abandonamos todos os nossos instintos, e existimos no reino dos símbolos puros” (Flusser, 2008, p. 121).

Segundo Flusser (2008) há um afastamento do homem do que lhe é natural, miscigenado à tecnologia. Relaciona-se não mais através da experiência, mas a partir de decorrências computáveis dela.

O indivíduo contemporâneo confronta-se com reduções da realidade e a elas atribui o estatuto de experiências, amparando-se nas simulações decorrentes de seus transitórios territórios. Estes, por sua vez, são edificados como simulacros existenciais, impelindo a mente alienada para a persistente serventia.

Estas observâncias ensejam o pós-humanismo, sendo pós-humanismo a negação da morte como fim, acabando por acelerar o seu início na medida em que entrega o corpo autossuficiente, teórico e técnico, aos ditames mediadores de seus comensais cibernéticos.

Referências bibliográficas

- BARAN, P. (1964). *On Distributed Communications: introduction to Distributed Communications Networks*. California: The RAND Corporation.
- CARR, N. (2011). *A geração superficial: o que a Internet está fazendo com os nossos cérebros*. São Paulo: Editora Agir.
- CARVALHO, E. (2008). *Canibalismo e antropofagia: do consumo à sociabilidade*. In S. Basseto (eds.) *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão* (s.p.) São Paulo: ANPUH/SP – USP.
- DECCA, E. (2004). *O nascimento das fábricas*. São Paulo: Brasiliense.
- FLUSSER, V. (1963, 7 de dezembro). Da Gula. *Jornal O Estado de S. Paulo, Suplemento Literário*, p. 41.
- FLUSSER, V. (2008). *A história do Diabo*. São Paulo: Annablume.
- KOTLER, P. (1996). *Administração de Marketing*. São Paulo: Editora Atlas.
- ORTEGA y Gasset, J. (1982). *Meditación de la técnica y otros ensayos sobre ciencia y filosofía*. Madrid: Revista de Occidente.
- POSTMAN, N. (1994). *Tecnopólio: A rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Editora Nobel.
- SENNETT, R. (2013). *O artífice*. Rio de Janeiro: Record.
- WIENER, N. (1968). *Cibernética e sociedade – o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Editora Cultrix.